

Sonantes repugnetos: uma croa roída

Pedro Marques

Universidade Federal de São Paulo

Resumo

Sonantes repugnetos: uma croa roída está numa encruzilhada de referenciais, como demanda o gênero satírico. A coroa de sonetos é uma composição de quinze sonetos numerados, sendo o verso final de um, o inicial do seguinte. O último soneto é formado pelas chaves-de-ouro dos demais, desde que a primeira vire seu primeiro verso e assim por diante. Subverti parte da regra, a conclusão de um soneto não passa à abertura do outro. O elo da série são aqui os títulos dentro do campo das parasitoses. Parodiando, ainda, o diálogo renascentista e o convencional espelhamento entre corrupção do corpo humano e do corpo republicano, acresci uma regra dramática ausente em meus antecessores: a *civile conversazione*, ora cooperativa ora belicosa, entre a figura do Poeta, cujo *sermo communis* desenrola-se pelos quartetos e tercetos ímpares, e a da República, cuja fala coloquial flui pelos pares. Ação e estilo, revelados pela conversa, ecoam, por fim, a entonação do desafio repentista, da rinha dos MCs, da roda de partido-alto. Assim, sujei o debate urbano com a peleja dos que sobrevivem à velha máquina de comer corpos chamada Brasil.

Palavras-chave

Coroa de sonetos, diálogo renascentista, gênero satírico, Brasil

Pedro Marques (1977-) é poeta, compositor, ensaísta. Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Editor do site Poesia à Mão. Alguns livros: *Antologia da Poesia Parnasiana Brasileira* (crítica e organização, 2007), *Manuel Bandeira e a Música* (ensaio, 2008), *Clusters* (poesia, 2010), *Olegário Mariano – Série Essencial da ABL* (crítica e organização, 2012), *Cena Absurdo* (poesia, 2016) e *Assbook* (poesia, 2019).

Sonantes repugnetos: uma croa roída

Pedro Marques

Universidade Federal de São Paulo

Abstract

Sonantes repugnetos: uma croa roída is at a crossroads of references, as a call for the satirical genre. The crown of sonnets is a composition of fifteen sonnets numbered, being the final verse of one, the opening verse of the next. The last sonnet is formed by the golden keys of the others, provided that the first one turns its first verse and so on. I subverted part of the rule, the conclusion of a sonnet is not the opening of the other. Here the series link is the titles within the field of the parasites. Parodying, further, the renaissance dialogue and the conventional mirroring between degradation of the human body and the republican body, I added a dramatic rule absent in my predecessors: the *civile conversazione*, sometimes cooperative, sometimes bellicose, between the Poet figure, whose *sermo communis* unfolds by the odd quartets and triplets, and the Republic, whose colloquial speech flows by peers. Action and stile, revealed by the conversation, echo, lastly, the intonation of the improvisator challenge, the rapper's cock, the samba circle. So, I soiled the urban debate to the battle of those who survive to the ancient machine of eating bodies called Brazil.

Keywords

Crown of Sonnets, Renaissance Dialogue, Satirical Genre, Brazil

Pedro Marques (1977-) is a poet, composer, and essayist. Professor of Brazilian Literature at the Federal University of São Paulo (UNIFESP). Editor of the *Poesia a mão* website. Some books: *Antologia da Poesia Parnasiana Brasileira* (criticism and organization, 2007), *Manuel Bandeira e a Música* (essay, 2008), *Clusters* (poetry, 2010), *Olegário Mariano – Série Essencial da Academia Brasileira de Letras* (criticism and organization, 2012), *Cena Absurdo* (poetry, 2016) and *Assbook* (poetry, 2019).

*...Arranca da quebrada o germe do crime e da miséria...
...Que faz do povo ladrão, vagabundo e paga-pau...
...Enquanto existir vista grossa sobre esse mal...
...A justiça será uma mentira imbecil e violenta...
Thomas Morus, “Livro Primeiro”, Utopia (1516).*

*...Dinheiro na mão, corrupção a luz do céu...
...O governo, a polícia, no Brasil quem não rouba?...
...Pra dentro de cada canto da cidade...
...Pra cima dos quatro extremos da simplicidade...
Edy Rock, “Mágico de Oz”, Sobrevivendo no Inferno (1997).*

1# ASCARIS LUMBRICOIDES

Barriga da República, o que esconde
por entre o cipoal desse intestino?
Por traz desse tanquinho, bem aonde
fermenta, de verdade, seu destino?

“Os donos, dos políticos em bonde,
investem numa gente sem refino,
ascosa travestida de visconde,
o títere que crê que é o bailarino.”

São eles a doença do seu Estado,
são eles a miséria que governa
seu tempo, do futuro até o passado?

“Falando o papo reto, tal baderna
é o meio do bosteiro desatado,
spaghetti de Lombriga que me inferna.”

2# TRYPANOSOMA CRUZI

Então, no coração da governança,
habita algum chupim quase invisível?
O gen que se distingue por herança,
o dono do universo e do impossível?

“Você cantando assim, a coisa dança,
Poeta que embeleza até o horrível;
porém, aqui se trata de vingança,
um rei que odeia o súdito, insensível.”

Por que, se quem trabalha nesta terra,
se quem prepara a festa da fartura,
é o corpo mestiçado que se ferra?

“Por isso mesmo, o rico não atura
aquele que espreguiça o que o aterra,
o Mal de Chagas chupa quem o cura.”

3# STREPTOCOCCUS MUTANS

Acaso a sua lei não respira o belo
sonhando a sociedade em harmonia?
A crença na justiça do martelo
batendo o mal pra fora da utopia?

“De fato, se morasse no castelo
alguma elite fã de sinfonia,
não sendo da ciência o vil flagelo,
nem tendo como meta a regalia...”

É certo que essa boca não mastiga
o coco que lhe servem e nem escova
o dente que, amarelo, me fustiga.

“Boquinha de juiz parece cova,
do réu e da denúncia é a formiga,
a Cárie que apodrece toda prova.”

4# PEDICULUS HUMANUS

Seu corpo tendo a carne apetitosa,
República, trará sempre o bicho
com fome e sede, a seca nunca ociosa,
cheirando desde longe seu rabicho.

“A soma, como sou de bens, viçosa
me faz, em parte a Madre à luz do nicho,
em parte o Cafetão, no bolso a rosa,
vagina nacional, pau no capricho.”

E mesmo geratriz da nossa idade,
e mesmo sendo pai que guarda e vela,
as presas vão comendo sua cidade?

“A súcia de ladrões me infesta e pela,
aqui lobista, ali fiscal, sem grade,
Piolho de cabeça, cu e canela.”

5# DERMATOBIA HOMINIS

Você não sentirá na pele o cisto,
o pus que brota a gente dita fina?
O lucro se evadir fraudando o visto
do fisco que só fica com a propina?

“Negócio de grã-fino, de benquisto,
engenho do Senhor Doutor Rapina,
que empresta, a juro módico e revisto,
do Estado que, depois, não o incrimina”.

Ou seja, o vigarista funda a empresa
fantasma, faz barulho e dá banquete,
mas rouba, na mão grande, da despesa.

“É mosca de gravata e de colete,
a firma e o funcionário na pobreza,
o Berne com perfume e sabonete.”

6# CUTANEOUS LARVA MIGRANS

Por baixo do tecido partidário
se amoita esse indigente sem propósito;
no fundo do Senado donatário
se nutre o mau caráter de compósito.

“De galho em galho, pula o salafrário
político arrotando despropósito;
de sigla em sigla, morde seu salário,
esquece do ideal por um depósito.”

É tipo aquele mano da escumalha,
que vive de hospedar-se na poética
alheia, até bicar outra migalha?

“A antítese da tese sem dialética,
a síntese que deu politicalha,
o Bicho Geográfico ante a ética.”

7# DEMODEX FOLLICULORUM

Corrupto miúdo em toda parte
germina, feito mato, por seu mapa;
fornica o servidor e não reparte,
o coxa moralista dá seu tapa.

“A nossa imprensa mira o bacamarte
na fuça do graúdo que derrapa,
do *pop* que lhe rende este estandarte
de justa, embora bem suja à socapa.”

Portanto, esse mosaico, essa colônia
de pontos mil na cútis, são cupins,
privados ou estatais, sem cerimonia?

“Hormônio com gordura e seus afins
mordidos na moral, com parcimônia,
o Cravo não publica seus festins.”

8# VANDELLIA CIRRHOSA

Que câncer, de tocaia, põe a pique
a nau da polis já na prima infância?
Quem suga essa florada com trambique
de abuso, escravidão e ignorância?

“Figure um ribeirinho e o pau-a-pique,
a falta que lhe faz uma ambulância,
o rio que é seu quintal, seu piquenique,
o nado sempre nu, a meninância.”

Vampiro de empresário se escorrega,
seduz o lambari dando a minhoca,
macaca o tio cativa de colega.

“O sangue vai tomar em cada toca,
no pau, no cu, na xota se assossega,
o tal do Candiru a tudo emboca.”

9# NAEGLERIA FOWLERI

Alguma coisa rola na cabeça,
fulano que se forma no *Youtube*,
no *meme* ou toda bosta que abasteça
a raiva na ciência que o adube.

“Orgulho de gentalha toda avessa
a tudo que se explique, triste clube
de néscios caguejando a fé travessa
em terra plana, pasto do boi nube.”

Que tal considerar algum limite,
civil e racional, chão de tijolo,
que a arte e a educação não dinamite?

Você deseja muito ou tá de tolo,
a *fake news* é o *pathos*, o arrebite,
Ameba Comedora de Miolo.”

10# TRICHOPHYTON RUBRUM

Qual é a do futebol mais batucado,
da bola que se pinta como joga,
do drible-passe-dança de congado,
do gol que zoa a zaga ou é uma droga?

“Esquece essa lorota do passado,
o fungo do mercado é hoje a voga;
de tão roído o seu selecionado,
não chega ter havido o que interroga.”

Se foi democracia do talento,
por que a verde-amarela foi pro saco
da *Nike* e pra cacunda do jumento?

“O esporte, dando grana, traz velhaco,
descama, coça e racha o treinamento,
o Pé de Atleta assalta até o buraco.”

11# TUNGA PENETRANS

Do *nerd* sobrevive qualquer pós,
do bitolado a bolsa de valores;
irmãos na obsessão do trampo a sós,
perseguem o resultado caçadores.

“A especialização, porém atroz,
retira do coitado as outras dores;
do *stress* ou do pulmão não sabe a voz,
entrega a meta e morre sem dar flores.”

Cuidando do seu campo, do seu nada
que é tudo onde consegue ver sentido,
não sabe que é um cadáver sua morada?

“Ninguém, que faz do umbigo seu marido,
defende a mão da Pátria-Mãe tungada,
o Bicho de Pé só ama o prurido.”

12# LEPTOSPHERIA SENEGALENSIS

Que bicho sorrateiro, mas violento,
mocoza aquele grão de medo e ódio?
Tumor, que disfarçado em fingimento,
renega a posição do negro ao pódio?

“Por baixo da cidade e do orçamento,
pilares de presunto, um episódio
da mesma servidão em andamento,
a cor que não se livra do custódio.”

Tragédia, mancha escrota que inda mata,
você confessa assim meio de fora,
o *modus operandi* escravocrata?

“O mal positivista foi a escora,
o germe do racismo estava em ata,
Micose que alimenta e me devora”.

13# AMBLYOMMA CAJENNENSE

Do mano pendurado ao ser bisonho,
à mina se casando pela grana,
a cola que decola todo sonho
grudou o pela-saco à raça humana.

“O caso do político é medonho,
carrega a corriola de campana:
bajula, adula, atura e, até suponho,
entuba o pau de ré se for bacana.”

Na empresa o mesmo *case*, a mesma sina,
barbado incompetente agarra a jeba,
a febre da Maria-gasolina?

“O estudo vale menos que a pereba
bem quando a sociedade leonina
ao Carrapato Estrela se amanceba.”

14# TAENIA SOLIUM

Qual ácido corrói assim por dentro
com fogo, verme e gelo pela tripa?
Qual cárcere mental apaga o centro
do cara que acelera enquanto engripa?

“Colégio cuja aula não emancipa,
empresa cuja ação é o epicentro,
hospício cuja dose é o ‘desce a ripa’,
cadeia cuja xepa vem sem coentro.”

Aqui do cadafalso, marginal,
assim um suicida pelo avesso,
medalha no pescoço de cristal.

“Poeta, a sua cruz é o recomeço,
o corpo desta polis é venal,
a corda Solitária seu endereço.”

15# FAUNA POLITOPHAGA

Spaghetti de Lombriga que me inferna,
o Mal de Chagas chupa quem lhe cura,
a Cárie que apodrece toda prova,
Piolho de cabeça, cu e canela,

o Berne com perfume e sabonete,
o Bicho Geográfico ante a ética,
o Cravo não publica seus festins,
o tal do Candiru a tudo emboca,

Ameba Comedora de Miolo,
o Pé de Atleta assalta até o buraco,
o Bicho de Pé só ama o prurido,

Micose que alimenta e me devora,
ao Carrapato Estrela se amanceba,
a corda Solitária seu endereço.